



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12714 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE NO ENSINO DE FILOSOFIA: DIDÁTICAS INSURGENTES DO HABITAR A DOCÊNCIA

Fabricio Oliveira da Silva - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

### RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE NO ENSINO DE FILOSOFIA: DIDÁTICAS INSURGENTES DO HABITAR A DOCÊNCIA

**Resumo:** O trabalho tem como objetivo compreender as didáticas insurgentes que professores de Filosofia desenvolvem na universidade. As discussões partem da compreensão de conceber que os professores da área de Filosofia habitam a profissão docente revelando práticas que emergem da relação com os estudantes e das tessituras peculiares do campo filosófico. O estudo ancora-se na abordagem (auto)biográfica, por facultar a aproximação do objeto de estudo com a epistemologia (auto)biográfica, pois quem narra a própria vida, ao narrar, estabelece relações temporais e situacionais consigo mesmo e com aqueles com quem se relaciona pedagogicamente durante a sua atuação profissional. O dispositivo de pesquisa utilizado foi a entrevista narrativa, desenvolvida com quatro professores que atuam nos cursos de licenciatura em Filosofia em duas universidades públicas do estado da Bahia. Os resultados apontaram que as didáticas insurgentes estão caracterizadas por estratégias que os docentes utilizam para desenvolver aulas de Filosofia na universidade, mobilizados pela necessidade de interação professor e estudante nos contextos de aulas remotas.

**Palavras-chave:** Didáticas insurgentes, Docência universitária, Ensino de Filosofia, Pesquisa (auto)biográfica.

## **Introdução**

No contexto das Didáticas desenvolvidas na docência universitária, a profissão docente é tecida no exercício diário das relações que o professor constrói consigo mesmo, na produção de saberes educativos, bem como na relação com os sujeitos com quem interage no processo formativo, tendo em vista os sentidos da formação desenvolvida no cotidiano da universidade. Seus saberes didáticos e pedagógicos - constituintes da profissionalidade como a concebemos - são mobilizados diuturnamente. No tocante ao desenvolvimento de didáticas insurgentes, a partilha e reflexão da e sobre a prática torna-se constitutiva e basilar.

Assim sendo, torna-se vital para o ensino que os docentes valorizem e reflitam sobre a própria profissão, buscando, nisso, desenvolvimento de atitudes que ressignifiquem uma Didática cotidiana do ensinar e do aprender. São por meio de atitudes efetivas que o docente desenvolve na profissão, buscando ressignificar os sentidos do seu fazer, que a Didática, enquanto campo epistêmico da profissão docente se apresenta como uma dimensão que se coloca a prova a cada experiência constituída no fazer do professor.

O ensino de Filosofia na universidade tem sido problematizado por alguns estudiosos, tendo em vista o fato de que ensinar Filosofia implica ensinar modos de desenvolvimento de leitura e de produção do conhecimento. Assim, é preciso pensar sobre a especificidade dessa disciplina, sobretudo no que tange às didáticas de ensino de leitura nesse campo (ROCHA 2008).

Nesse percurso reflexivo, é que essa pesquisa traz como tema a seguinte proposição: Na docência universitária os professores de Filosofia engendram modos próprios, logo de produção de didáticas insurgentes, para ensinar Filosofia na universidade. Posta tal ideia, a pesquisa trilhou a partir de uma problemática que evoca especificidades da docência em contextos de ensino de Filosofia, engendrando uma reflexão operativa que partiu da seguinte indagação: Como os professores de Filosofia, que atuam em cursos de Licenciatura em Filosofia, produzem didáticas insurgentes na universidade?

## **Abordagem (auto)biográfica como trama metodológica**

Nesta pesquisa, adotei a abordagem (auto)biográfica não só como um importante elemento de compreensão das práticas educativas de professores de Filosofia, mas sobretudo como um dispositivo de formação. É nessa reconstrução que produzimos sentidos, percebendo a distinção entre duas dimensões temporais em que a experiência é ressignificada:

o tempo em que ela ocorreu e um tempo em que ela foi reconstruída pela linguagem.

Como dispositivo de pesquisa, foram utilizados relatos narrativos, colhidos por meio de entrevistas narrativas, de professores a fim de que cada sujeito possa relatar, narrativamente, sua compreensão sobre como produzem o ensino de Filosofia na universidade.

Participaram do estudo três professores e uma professora, todos convidados por mensagem enviada por e-mail. Um contato prévio, explicando os objetivos da pesquisa, possibilitou que os participantes pudessem conhecer do que se tratava o estudo. Inicialmente enviei e-mail a dez professores que atuam nos cursos de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Apenas sete responderam ao e-mail, três informando impossibilidades no momento e outros quatro se colocando à disposição para colaborar com o estudo.

Após a realização das entrevistas, o material foi transcrito e categorizado a partir do método interpretativo compreensivo, separando os núcleos temáticos em duas categorias centrais: Uma denominada de tessituras do ensino de Filosofia na universidade e outra de Didáticas insurgentes no ensino e Filosofia.

### **Didáticas insurgentes: arquitetando o ensino de Filosofia na universidade**

Intitulei de Didáticas insurgentes àquelas que foram sinalizadas pelos colaboradores como elementos centrais para se pensar o processo de construção dos caminhos pedagógicos para trabalhar o ensino de Filosofia na universidade. Nesse sentido, emergiram informações interessantes que apontaram para a necessidade de estabelecimentos de procedimentos didáticos, antes não utilizados em sala de aula presencialmente, como foi o caso de colaboradores dizendo ter feito exibição de vídeos, animações, e criando jogos na plataforma *kahoot* <sup>[1]</sup> para sensibilizar e motivar os estudantes a participarem da aula. Outros professores utilizando dispositivos para a criação de avatar para trabalhar a personificação pessoal, mas também dos filósofos com os quais trabalhavam em aulas.

Assim, há de se considerar que o tema central que constrói a relação entre professores e estudantes no ensino de Filosofia encontra ancoragem nas discussões da linguagem filosófica, em que os discursos ganham singularidade e notoriedade de registros que revelam expressões e estruturas muito pertinentes ao campo filosófico. Tal perspectiva é vista em um fragmento do professor Artur <sup>[2]</sup>, que também pode ser vista em outro fragmento da narrativa da professora Silva. Sobre a linguagem filosófica, os colaboradores consideram que:

Particularmente eu, como professor de Filosofia, acho que essa área tem um discurso próprio, tem uma amarração que a gente identifica ser da Filosofia. Por exemplo, um texto filosófico é diferente de um texto científico, da história, da literatura e de outros textos. Isso é algo que eu sempre pensei em ter que aprender desde que eu era aluno da escola [...] (Artur, entrevista narrativa, 2021).

[...] a gente trabalha com diversas estratégias e textos, sejam online ou no presencial, mas eu sempre tento mostrar para os alunos dentro do conteúdo, de minha aula, nas referências que vou mostrando, as características do pensamento filosófico, da ideia filosófica, entende e do texto filosófico que é diferente de outros textos, de outros tipos (Sílvia, entrevista narrativa, 2021).

A compreensão de uma tipificação do texto filosófico aparece nas narrativas como elemento caracterizador desse tipo de texto, logo do discurso que se tece na Filosofia. Parece ficar implícita a ideia de que tal característica do texto, do discurso é objeto de ensino. É um identificador da área, do modo como o texto é construído, lido e, conseqüentemente, trabalhado na dimensão pedagógica. Nessa ideia parece haver um engendramento discursivo da área que é tomado como central para a produção do ensino em Filosofia.

Creio estar nessa dimensão a primeira pista para entendermos que no ensino de Filosofia a discursividade da área é um dos modos tomados pelos professores para realizar o ensino. Há nessa ideia, ainda que de modo embrionário, não podendo ser generalizada, uma compreensão de que o texto se revela com características peculiares na Filosofia, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma leitura do texto filosófico, defendida por Lyotard (1993) como leitura filosófica, que, por sua vez, resvala no modo como os próprios docentes da área constroem tessituras próprias do ensino nesse campo.

Isso acontece na medida em que o professor se apoia na ideia de haver singularidades discursivas na Filosofia e a partir delas exerce a atividade de ensino, que conseqüentemente, embora de modo inconsciente, inspira a discursividade com a qual as didáticas são desenvolvidas no âmbito do curso, gerando aproximações entre a prática do professor e as singularidades discursivas da linguagem em Filosofia, possibilitando, aí, construir-se um modo próprio dos professores habitarem a docência nessa área.

As didáticas insurgentes, na formação de professores, consolidam-se também como forma de que o professor possa desenvolver estratégias de ensino e que por meio delas inspirem os estudantes a realizarem práticas educativas, logo que serão, também, professores. O professor Jorge abordou, em seu relato narrativo, considerações sobre como ele tem feito suas aulas, inclusive explicando e motivando os estudantes a desenvolverem estratégias parecidas com as que ele tem feito em suas aulas. Sobre isso, o professor comenta:

Nessa pandemia foi bastante difícil manter a atenção dos estudantes. Era

bem complicado. Mas como professor da área de prática pedagógica, eu fiquei pensando em como desenvolver minhas aulas que servissem para os alunos também, pois ia ficar na teoria e não tinha como fazer nada prático, nada, assim, eu diria, nada assim como eles desenvolverem uma prática na sala com os colegas. Aí, o que eu fiz. Eu fiz uns jogos no *kahoot*, brincadeiras para avaliar a turma e fui colocando outras animações. Sabe, eu baixei um desses aplicativos e fiz meu avatar e depois pedi que eles fizessem um seminário fazendo o mesmo. [...] eles podem até não ter aprendido bem Filosofia, mas aprenderam estratégias e metodologias (risos) eu, sabe, investi nisso e gostei. Agora nem todos fazem, abrem câmera, um negócio isso viu (Jorge, entrevista narrativa, 2021).

A ideia da didática insurgente no curso de Filosofia surgiu na narrativa como uma categoria que se expressa numa articulação em que a prática educativa é sempre motivada pelo cotidiano e pelas acontecimentos desse cotidiano. Nesse aspecto, desenvolver uma aula em que os recursos midiáticos são utilizados não nasce, necessariamente, da centralidade do fazer educativo do professor de Filosofia, mas nasce da necessidade de se alinhar o contexto de ensino remoto com a necessidade de aprender a utilizar estratégias pedagógicas à luz das tecnologias. Há, nessa perspectiva, uma clara relação com a ideia de inovação, enquanto ruptura de paradigmas tradicionais de ensino, em que o professor busca criar condições de reflexividade e de aprendizagem da docência a partir de uma perspectiva relacional demarcada pelo distanciamento físico.

Nesse cenário, didática insurgente aparece não como uma didática inovadora, tecida no contexto das dimensões e práticas do ensino de Filosofia, mas mobilizada pela perspectiva de operacionalizar o ensino a partir da relação entre professor atuante e professores em formação inicial, que buscam não só aprender o conteúdo para ensinar, mas modos de ensinar os diferentes conteúdos que aprendem em suas formações. É nessa teia que o *kahoot*, enquanto dispositivo tecnológico, aparece como uma das práticas de produzir estratégias de ensino e de avaliação.

### **Considerações finais**

O estudo permitiu concluir que não há receitas de ensino, não há didáticas insurgentes que sirvam para empréstimos ao trabalho do outro, que se encaixem na dinâmica do outro de desenvolver o seu trabalho na universidade. Muito pelo contrário, o estudo mostra que há uma singularidade do trabalho docente no contexto do ensino de Filosofia caracterizado pela imprevisibilidade da ação educativa. Sim, imprevisibilidade, pois cada feito didático se constrói numa dinâmica imprevisível que só encontra um caminho possível nas testagens que se produzem ao se levar em consideração a relação com o outro e a necessidade de manter acesa uma relação formativa, que gere sentidos do ato de aprender.

Nessa lógica, foi fundante considerar tanto o contexto pandêmico em que esse estudo se desenvolveu, bem como considerar as necessidades de se desconstruir paradigmas de ensino para se arvorar em outros, para criar didáticas insurgentes em que os jogos, brincadeiras e dispositivos passassem a figurar na cena do ensino, ainda que eles não tivessem na base da previsibilidade do trabalho de cada professor. Tecer a docência em Filosofia revelou-se com uma singularidade muito mais demarcada pelo contexto em que o ensino se efetiva, do que pela tipificação de ações que se produzem na área.

Nessa direção reflexiva, é preciso considerar a relação de aprendizagem que se estabelece entre professores e estudantes na universidade, o que leva em consideração o modo como o estudante aprende com o professor. Em outras palavras, há de se considerar a ideia de que o ambiente, o outro e o próprio movimento reflexivo que o estudante faz gera condições para aprender em um determinado campo do conhecimento. No que tange a discussão da pesquisa em tela, a aprendizagem da docência em Filosofia se assenta, também, nos princípios de uma aprendizagem por homologia, que significa aprender com o outro, sem a concepção de reprodução do feito, mas na inspiração a partir da qual o aprendiz gera saber e astúcias próprias da arte de ensinar.

## Referências

ANASTASIOU, Léa. das Graças. Camargo.; ALVES, Leonir. Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012

LYOTARD, Jean François. **O Pós-Moderno explicado às crianças**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis: Vozes, 2008

SILVA, Franklin. Leopoldo da. Função social do filósofo. In: **Textos Filosóficos**. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, 1986, p.15-30.

---

[1] Trata-se de uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizado, “Kahoots”, são testes de múltipla escolha que permitem a geração de usuários e podem ser acessados por meio de um navegador da Web ou do aplicativo Kahoot. Informação disponível em: <https://ceduc.unifei.edu.br/tutoriais/como-utilizar-a-plataforma-kahoot/>. Acesso em 10 nov. 2021.

[2] Nomes fictícios, conforme reconizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou a pesquisa da qual o presente texto se originou.